

## **IRAMIR ALVES ARAÚJO: FLECHADAS DE IRONIAO JORNALISMO SATÍRICO NO MARANHÃO DO SÉCULO XIX**

**RESUMO:** Estudo a respeito do jornalismo humorístico no final do século XIX, no Maranhão. Para a consecução do trabalho, realizou-se uma decupagem do jornal A Flecha, de março de 1879 a outubro de 1880, identificando-se as diversas abordagens dos jornalistas a respeito da política, do clero, da cultura e dos serviços públicos; reconhecendo-se as formas tropológicas utilizadas, tais como paródia, caricatura, glosa, metáfora, ironia e metalinguagem; traçando-se um panorama envolvendo a publicação e seus colaboradores e mostrando de que forma o jornal foi um veículo de desafio ao *status quo*, na província do Maranhão à época.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo ilustrado, humorismo político, anti-clericalismo, crítica teatral, caricatura, positivismo.

**ABSTRACT:** A study about late nineteenth-century humoristical journalism in Maranhão. For doing this study, was a research on “A Flecha” journal, from march, 1789 to october, 1880, identifying the several approaches, by journalists, to politics, clergy, culture and public services; recongnizing tropological forms such as parody, caricature, gloss, metaphor, irony and metalanguage; sketching an overview of that publication and its contributors; as well showing how that journal was a way of defying the status quo in the province of Maranhão, at that time.

**KEY-WORD:** Ilustated journalism, political humorism, anti-clericalism, thetaral criticism, caricature, positivism.

## “O humor é a arte de fazer cócegas no cérebro”

Leon Eliachar

### À guisa de Introdução

“Tendo rido Deus, nasceram os sete deuses que governam o mundo.”<sup>1</sup>

No “Livro do riso e do esquecimento”, de Milan Kundera, o personagem Mirek diz: “A luta do homem contra o poder é a luta da memória contra o esquecimento”. Obviamente, não é o caso de fazer qualquer comentário adicional sobre o contexto da história, que se passa em Praga. Saber disso é mais que suficiente. O que nos interessa, aqui, é tão somente esse breve pensamento. O título do livro nos coloca duas palavras que aparentemente se contrapõem, mas que na verdade se complementam nessa contraposição: O riso e o esquecimento. O riso, que pode ser “*alternadamente agressivo, sarcástico, escarneador, amigável, sardônico, angelical, tomando as formas da ironia, do humor, do burlesco, do grotesco, ele é multiforme, ambivalente, ambíguo. Pode expressar tanto alegria pura quanto triunfo maldoso, o orgulho ou a simpatia*” (MINOIS, 2003, p. 15/16). Para Oswald de Andrade, ele “*deflagra um estado de contenção, dribla o nervosismo, os autoritarismos e a pose. Instaura o insólito, o bizarro e o anormal*” (ANDRADE, *apud* FONSECA, 2001, p. 11). Quanto ao esquecimento... O esquecimento é a negação. É o inverso do riso que aviva a memória, que desafia o poder, que instila a dúvida. E falamos do esquecimento pela invers<sup>32</sup>ão, pela negação, reafirmando o poder do riso.

Riso e esquecimento, ambos se complementam por ter a sensibilidade como objeto. Um, aguçando, regozijando. Outro, anestesiando.

A sensibilidade através do riso, do humor, da ironia e do escárnio é o fio condutor que nos guia pelo labirinto do nosso objeto de estudo, o jornal *A Flecha*.

O jornal *A Flecha* se inscreve em um universo de publicações que visavam, antes de tudo, o que visa toda produção intelectual: servir de ponte entre o oculto e o manifesto.

---

<sup>32</sup> REINACH, *apud* MINOIS. História do riso e do escárnio. São Paulo: Ed. Unesp, 2003. p. 21.

Do oculto que são as estruturas de poder, sejam elas quais e de que ordem forem: políticas, eclesiásticas, culturais, ou de que matizes se pintem, liberais ou conservadoras; sobretudo em sua capacidade camaleônica de se transmutar em outras, conforme as conveniências. Do manifesto, as interpretações das leituras feitas a partir das ações originadas e direcionadas dessas mesmas estruturas a seus objetos, sobre quem o poder é exercido.

Como ponte estabelecida para mediar a relação entre as estruturas, ou pelo menos as interpretações dessas relações feitas pelos redatores do jornal e o público, temos a ironia, a metáfora, a glosa, a paródia, a metalinguagem, a caricatura. Tropos. O que, para Harold Bloom, “*é sempre não apenas um desvio de um sentido possível, próprio, mas também um desvio em direção a um outro sentido*” (BLOOM, *apud* WHITE, 2001, p. 15).

Sendo o tropo um instrumento do discurso para permitir a compreensão do não-expresso, ou antes, sua interpretação, é de se esperar que a leitura baseada nesse pressuposto seja não-linear; pois, ainda segundo Bloom, “*o emprego de tropos é ao mesmo tempo um movimento que vai de uma noção do modo como as coisas estão relacionadas para outra noção, e uma conexão entre as coisas de tal modo que possam ser expressas de outra forma*” (idem, p. 15), o que nos leva a Foulcault que, ao tratar da linguagem, considera que esta “*não é um sistema arbitrário; está depositada no mundo e dele faz parte porque, ao mesmo tempo, as próprias coisas escondem e manifestam seu enigma como uma linguagem e porque as palavras se propõem aos homens como coisas a decifrar*” (FOULCAULT, 2002, p. 47).

Por se tratar de um jornal, uma fonte reconhecidamente difícil de trabalhar, pois representa uma visão “*parcial e subjetiva da realidade, distorção provocada não só pela proximidade dos homens com os fatos que apareciam no dia-a-dia, mas também, por seu comprometimento com as coisas*” (CAMARGO, 1971, p. 225), reconhecemos que é justamente essa sua característica mais sedutora, sendo impossível conceber uma “realidade” imparcial, uma vez que os problemas se apresentavam como foram “*vistos e sentidos pelos participantes*” (idem, p. 225) e que não se pode dissociar a realidade do que sobre ela pensam seus atores. Como num teatro, onde se exercita a memória. E exercitando a memória, se ludibria o esquecimento.

## **“A Flecha não é a arma franzina e poética do deus do amor.”<sup>2</sup>**

Ao lado do grande prelo mecânico as folhas recém-impressas eram arrumadas em duas pilhas distintas. Mais tarde, quando completamente secas, seriam levadas para a mesa de encadernação, a fim de serem intercaladas, encadernadas, dobradas e empacotadas. A impressão era a mais perfeita possível, sem falhas. Afinal, estavam confiadas ao mais respeitável tipógrafo da província que fazia questão de verificar pessoalmente a qualidade de cada trabalho executado por seus oficiais gráficos e operários, todos treinados por ele mesmo. Meticuloso, sabia que cada livro, prospecto, cartaz ou o mais simples rótulo levava adiante o nome e a respeitabilidade de sua oficina tipográfica.

O Sr. José Maria Correia de Frias, ou mais simplesmente “Frias”, já em 1866, expunha em sua pequena brochura de apresentação à Comissão Diretora da Exposição Provincial do Maranhão, as suas opiniões sobre as providências necessárias para o sucesso da indústria tipográfica na província. Dentre elas, a mais importante, e que ele aplicava escrupulosamente, era *“ser o proprietário o primeiro oficial de seu estabelecimento, não se preparando nele trabalho algum que não lhe passe pelas mãos”* (FRIAS, 1978, p. 42).

A qualidade sobejamente conhecida dos impressos da Typographia do Frias era o resultado de sua luta de décadas para o melhoramento dessa indústria. Uma prova do seu esforço e do

quanto pode a vontade e o amor da arte que faz com que os artistas de uma província do extremo norte do Brasil, de tudo desajudados e em piores circunstâncias do que os de muitas outras, tenham levado sua arte à altura de poderem rivalizar com a Corte cheia de recursos, de força e vida (FRIAS, 1978, p. 5).

Indiferentes ao burburinho cotidiano das ruas lá fora, com os pregoeiros gritando suas ofertas sob o intenso calor que entorpecia a cidade, fazendo com que os pou<sup>33</sup>cos transeuntes desejassem estar mergulhados em açudes de água fria, esquecidos do passar

---

<sup>33</sup> A FLECHA, nº I, março de 1879, p.2

do tempo, os operários da tipografia assimilavam o clima de euforia e orgulho com o trabalho que estava sendo ultimado.

Não era um trabalho qualquer, daqueles que normalmente realizam e de que se ocupam cotidianamente os compositores, o tangedor de roda, o impressor, o maquinista e o aprendiz que arruma os impressos na máquina e dá o alarme quando descobre algum defeito nas impressões. Definitivamente não era.

Aquele 13 de março de 1879 era uma data importante para a Typographia do Frias, afinal estava sendo finalizado um trabalho que demorara dias sendo confeccionado. E sua característica singular fazia com que os cuidados fossem redobrados, não só para que nenhuma falha acontecesse, mas também, e principalmente, para que o resultado final ficasse impecável.

Uma vez concluído todo o processo, depois de dobrado e refilado, Frias pegou um exemplar pronto para ir às mãos dos leitores e, orgulhoso como um pai a admirar seu rebento, contemplou o primeiro jornal ilustrado da província do Maranhão. Produto de sua oficina tipográfica.

Igualmente orgulhosos, folheando com avidez, observando cada detalhe e saboreando antecipadamente as possíveis reações que causaria, estavam os criadores de tão ousado empreendimento, João Affonso Nascimento e Aluísio Azevedo.

### **Nascia “A Flecha”.**

“Ninguém se lembrará de propor um imposto sobre cada deputado que propuzer asneiras?”

Entre 14 de março de 1789, data do primeiro número até 25 de outubro de 1880 quando encerrou sua fugaz, mas intensa carreira, circulou um jornal, que cultivou todas as características dos periódicos criados nas grandes metrópoles, como *O Mosquito*, onde pontificava Ângelo Agostini ou *O Besouro*, de Rafael Bordalo Pinheiro. Este jornal, produzido e editado no Maranhão, carregava o sugestivo título de *A Flecha*.

Criado por João Affonso Nascimento e Aluísio Azevedo, a Flecha teve como pedra de toque a sátira, a crítica aos costumes, a caricatura, o republicanismo e o

anticlericalismo. Seus editores e colaboradores praticaram um jornalismo crítico, inteligente, cáustico, iconoclasta e, acima de tudo, humanista.

João Affonso e Aluísio Azevedo miravam suas “flechadas” na direção dos poderes constituídos, e inúmeras foram disparadas contra as bases do governo imperial, da igreja e da representação política na província.

Já em 1879, a sociedade maranhense estava às voltas com os políticos incapazes, com eleições marcadas pela fraude e violência, com representantes incompetentes que propugnavam leis esdrúxulas. Prato cheio para que os colaboradores d’A *Flecha* exercitassem sua verve. Como em “Fontes de receita”:

“Enquanto na Corte o galhofeiro e xingador deputado Martim Francisco propunha um imposto sobre os celibatários, a Assembléia do Amazonas discutia uma postura anti-carnavalesca, taxando 60\$ sobre cada baile de máscaras e mais 5\$000 por cada cidadão que sair à rua mascarado, durante o carnaval. Já se vê. Como são as cousas d’este mundo! Os príncipes no Rio são pagos, em Manaus os príncipes de carnaval pagam imposto. E dizem que os extremos se tocam...

*Quanto a nós, o melhor meio de illudir a nova lei é fazerem penitências no carnaval e mascararem-se durante a quaresma.*

*Ninguém se lembrará de propor um imposto sobre cada deputado que propuzer asneiras?”*

“Os reis governam pela vontade de Deus. [...] A maçonaria é uma seita perniciosa”

Outro alvo preferencial d’A *Flecha* foi a igreja, poderosa instituição que ditava as regras do bem viver e dos costumes que se deveriam praticar na província do Maranhão.

Para os jornalistas que estavam à frente do combate na época, não faltava assunto para se contrapor ao poder clerical. A idéia de separação entre a Igreja e o Estado, a secularização dos cemitérios, o casamento civil, tudo era explorado nas tribunas dos jornais para a difusão da, como costumavam chamar, ideologia de Comte. Os defensores do positivismo tinham como base de apoio os jornais *O País* e *Diário do Maranhão*, os dois maiores em circulação naquele momento e estavam, também, presentes n’A *Flecha*, a primeira tribuna anticlerical da província.

Mas, diferentemente dos outros jornais, n'A *Flecha* os jornalistas utilizavam de sua verve para fazer, em cada pequena nota um exercício de humor, às vezes sutil e, quase sempre, carregado de mordacidade, como é dito na coluna "Flechadas", em maio de 1879.

"Dizem que um professor por ocasião da grande descarga electrica que desabou ha dias sobre esta cidade, longe de aproveitar esse ensejo para ensinar mais alguma cousa aos seus alumnos, mandou-os ajoelhar em grupo, resar o Magnificat e queimar palha benta".

O Bispo D. Antonio Alvarenga recrutara para suas fileiras um dos sacerdotes mais ativos durante o conflito religioso em Belém, o cônego João Tolentino Guedelha de Mourão e a ele foi confiado o cargo de vigário geral e diretor do seminário. O cônego, tão logo teve anunciada sua vinda para o Maranhão, tornou-se alvo dos anticlericais. É bom lembrar que as notícias, embora dependessem das marés, circulavam entre as províncias e o cônego, logo à sua chegada, era "saudado" com a seguinte nota em janeiro de 1880:

#### AVATAR

"Vae operar-se este prodígio de feitiçaria índia no Maranhão.  
A alma do sr. Bispo do Pará vae passar para a do sr. Bispo do Maranhão.  
D. Antonio de Macedo faz-se D. Antonio Alvarenga.  
E o volume coadutor da alma, demasiado maliciosa para poder vir pelo telegrapho, é o reverendo cônego Mourão"

D. Antonio de Macedo, de quem fala a nota, fora o Bispo de Belém responsável pela perseguição aos maçons alguns anos antes. A nota sugere que a "questão religiosa" que sacudiu o império a partir de 1872, poderia estar sendo reeditada no Maranhão, tendo agora como personagens o Bispo D. Antonio Alvarenga que estaria incorporando o espírito de D. Antonio Macedo transportado de Belém pelo Cônego Mourão. A nota duplamente irônica deste texto consiste em que o autor utiliza uma imagem abominada pela igreja: "*a feitiçaria índia*" como catalizador da reencarnação da alma do bispo, visto que a modernidade representada pelo telégrafo – e defendida pelos positivistas – não seria suficiente para conter tão "maliciosa" entidade.

Desde o seu primeiro número, *A Flecha*, foi um aguerrido veículo para os que combatiam os abusos da igreja e seus representantes, como o Cônego Mourão, recém-chegado de Belém e um dos mais evidentes naquele momento, e para os que se

opunham à igreja retrógrada que se aproveitava de sua preeminência em relação aos fiéis, utilizando-se de todos os meios para mantê-los nas sombras da ignorância, seja através da educação dogmática e obscurantista impingida pelos padres, seja pela exploração das pessoas honestas e crédulas através das numerosas confrarias, seja pela perseguição que movia aos maçons, aos liberais, aos livre-pensadores.

Seus redatores utilizavam de todas as formas de humor que lhes caía às mãos. O que assina com o pseudônimo de “Alvarenginha”, compôs um poema em quadrinhas “homenageando” o Cônego. O poema utiliza o recurso da onomatopéia, quando, nos versos, imita o toque dos sinos, compondo assim, uma alegre cançoneta, cujo título é

*“REPIQUE*

*Digue – digue - digue -*

*Digue – digue – dão!*

*Chegou o precioso*

*Cônego Mourão*

*Digue – digue – digue*

*Digue – digue – dem!*

*Tão fino como elle*

*O Maranhão não tem!*

*Digue – digue – digue –*

*Digue – digue – dim*

*Do bispo a inteligência*

*Vae surgir emfim!*

*Digue – digue – digue –*

*Digue – digue – dom*

*Traz-nos o que é justo*

*Amável, santo e bom!*

*Digue – digue – digue*

*Digue – digue – dum!*

*No clero maranhense*

*Assim não há nenhum!”*

### **“Troque a penna por uma bengala e dê bordoadas de cego”.**

Na capital da província, Aluísio participou de diversas ações. Atuou, junto com um grupo de intelectuais, para que a decadência do teatro, tanto material quanto artística, fosse revertida. Para ele *“Tudo estava por ser feito: uma vez que o teatro estivesse reformado, seria necessário encontrar um elenco, um repertório e espectadores interessados por outra coisa que não fosse palhaçadas escritas numa linguagem aproximativa”*

Por isso, não é surpresa a nota de Aluísio n’A *Flecha* número II, em sua coluna “Piticaias”, onde ele destila sua conhecida veia humorística contra a peça que, segundo ele, nada adicionava em termos da renovação teatral pela qual ele e seus amigos lutavam.

“Afinal foi-se embora o projecto de companhia franco-portuguesa que nos estava a impingir comédias e canções em portuguez, francez, francez e portuguez ao mesmo tempo e nem francez e nem portuguez em tempo algum desta vida” .

Em se tratando de crítica teatral, João Affonso, editor e ilustrador podia ser tão ou mais ácido que Aluísio Azevedo. Ele desenvolveu um gosto estético bem diferente do que era apresentado no Theatro São Luís, principalmente pela companhia Sampaio que, com frequência, encenava peças românticas. Quando entrou em cartaz a peça *“Os Milagres da Virgem Aparecida”*, a crítica não foi menos que severa:

“Exigir do Chronista alguma cousa sobre os Milagres da Virgem apparecida equivale a dizer-lhe: troque a penna por uma bengala e dê bordoadas de cego. [...] “Como obra theatral, nada mais inútil, mais pernicioso, mais estúpido. [...] A Flecha sente um pesar indescrivível em não conhecer de perto o feliz autor d’essa monumental obra dramática. Quizeramos abraçal-o por aquelle portentoso achado da santa pescada e pela habilidade com que embrulhou o seu enredo de forma tal que será um milagre comprehendel-o alguém”

**“Os burros assignarão um termo de bem viver”.**

Muitos serviços eram necessários para a manutenção de uma cidade como São Luís, que enfrentava problemas graves. Domingos Vieira Filho, ao escrever sobre a história das ruas e praças da capital, traçou um cenário de cidade medieval, no que se refere à convivência dos cidadãos e à limpeza das ruas. A rua, em certa época era lugar para tudo. Nela torrava-se café e estendia-se roupa lavada. Oficinas de reparo funcionavam em plena via pública, como nas cidades medievais. Era o rio de águas servidas, amontoado de lama, de animais mortos, de lixo, em suma.

Para tornar mais evidentes as péssimas condições sanitárias de São Luís, já tantas vezes denunciadas, João Afonso executou um desenho, onde um esqueleto representando a morte, carregando uma foice em que se lê “febre perniciosa”, passa por cima de várias pessoas caídas, vestidas com roupões de doentes onde está escrito em cada uma delas: “*Municipalidade*”, “*Inspectoria da saúde*” e “*Governo*”. Ao redor das figuras voam morcegos, demônios e aves sinistras.

João Affonso tinha os olhos sobre a cidade e nada escapava à sua pena. Sua crítica era responsável, pois apontava os problemas que via e os expunha em seu jornal como contribuição para o melhoramento dos serviços de limpeza pública, segurança, transportes, água e iluminação. Afora sua linguagem sarcástica, caricata e mesmo mordaz, sua atuação jornalística cumpria um papel de lembrar aos governantes de suas debilidades no que concerne à atuação mais visível da política: aquela que é estabelecida com o cidadão, no dia-a-dia.

Seus olhos podiam se voltar para a Companhia Ferro-Carris, como na coluna “Piticaias” em agosto de 1879:

“Garante o João das Moedas que o público de ora em diante não terá mais razão de se queixar contra a companhia dos bonds, porque os coupons vão ser queimados e as cinzas lançadas aos quatro ventos cardiaes; os conductores todos e cocheiros tomarão um banho purificador, o padre Maia benzerá os carros e os burros assignarão um termo de bem viver.  
Só assim!”

Ou para a companhia de gaz, em novembro do mesmo ano:

“A Companhia do Gaz sabe bem aproveitar os contractos.  
Ainda a lua vem lá na casa de Nosso Senhor Jesus Christo e já os lampiões se conservam apagados e a gente anda na rua sem enchergar três dedos na frente do nariz.

Não há que duvidar: n'estas ocasiões teremos de voltar ao antigo costume de trazer um batedor com a bojudá lanterna de duas velas”

Sempre atento às disposições da Assembléia Provincial em relação ao orçamento para os serviços públicos, a *Flecha*, em março do ano seguinte, com a *Companhia de Gaz* na mira, acerta no governo.

### LUZ

*“O projecto do orçamento provincial consigna nas suas ultimas disposições (ultimas porque vem no fim) uma autorisação à presidencia para contractar a iluminação da cidade a gaz hydrogeneo ou outro qualquer systema mais aperfeçoado.*

*Ora diga-me a nobre commissão elaboradora da aterradora lei: Que outro systema de illumination mais aperfeçoado encontrará o presidente?*

*A luz electrica, talvez*

*Sim, luz electrica...*

*Fallemos claro*

*Nós vamos ficar no escuro. Essa disposição do projecto de orçamento traz agoa no bico e a prova é que a Companhia de Gaz já se sangrou na veia da saude, publicando um contracto que, tenha paciencia a Companhia, na primeira oportunidade irá por agoa abaixo como já o foi o da dos Vapores e irão outros, enquanto Deus não se amerciar de nós.*

*Brevemente, pois, teremos o gosto de vêr a cidade illuminada por um systema aperfeçoado, tal como o kerozene, ou, quem sabe? O azeite de carrapato com torcida de fio de algodão”.*

### “Lenha para uma semana”

A vida dos moradores de São Luís, naquele final do século XIX, era um tanto quanto reservada. A parcela da sociedade maranhense representada pela elite ficava muito confinada às suas residências, pois os escravos cuidavam de todos os afazeres, não havendo, assim, necessidade de ir às ruas. Entretanto, havia ocasiões especiais. As grandes solenidades públicas eram, segundo ele, os batizados, os casamentos e os funerais.

Isso antes dos bailes se tornarem moda na segunda metade do século XIX. Uma novidade que chegou ao Rio de Janeiro com a Família Real e que fez com que o olhar maranhense se deslocasse da Europa para a capital do Império. Não demoraria muito para que a capital da província do Maranhão também aderisse à moda e promovesse seus concorridos bailes.

Nas ruas, as festas eram um privilégio da gente pobre, principalmente os escravos que comemoravam os dias de santos tocando seus tambores ou arregimentando pessoas de toda a cidade para os carnavais de entrudo, uma diversão que a elite considerava um tanto violenta, e com razão, pois nesses festejos, ninguém era poupado, jovens, idosos, senhores respeitáveis, damas da sociedade, gente importante e o povo mais humilde, parlamentares e sacerdotes.

Os bailes de carnaval tornaram-se as alternativas de diversão que a elite encontrou para satisfazer suas necessidades festivas.

Nos períodos de carnaval, das festas juninas, dos festejos do largo dos Remédios, da festa de Ribamar, a *Flecha* reservava para cada evento suas observações chistosas. Quase sempre, o espaço utilizado para os comentários era a coluna Flechadas em junho de 1879.

“Há vinte e tantos annos houve um rolo tão forte defronte de minha casa que, com os cacetes que deixaram, nós fizemos lenha para uma semana” .

Ainda a propósito do Bumba-meu-boi, em junho de 1880:

“O boi que andou pelas ruas na noite de S. Pedro parecia, não comparando mal, uma procissão.  
Levava atraz mais de mil pessoas.  
As mulheres eram em maioria”.

A política d’A *Flecha* era estar sempre atenta a cada acontecimento na província que de uma forma ou outra afetasse a população, “*vibrando os golpes da sua crítica imparcial e justiceira aos costumes da sociedade que se pretende civilisada e perfeita*”. E a forma de fazê-lo era sendo “*a flecha certa e penetrante do índio de nossas florestas*”.

O grupo que o concebeu e editou conseguiu fazer um jornal que mesclava a crítica aos costumes, em sua acepção mais ampla, da população da província, à idéia de novidade, que era fazer um jornal ilustrado. Contavam com os talentos de João Afonso, artista, escritor e professor de desenho, de Aluísio Azevedo, jornalista e escritor; e de outros colaboradores que tinham no jornalismo sua arena para contenda com os poderes constituídos.

Portadora do talento, da graça, da ironia e mordacidade das jovens e comprometidas inteligências do Maranhão atuantes naqueles dias, *A Flecha* mais que justificava o seu título.

## BIBLIOGRAFIA

AZEVEDO, Aluísio. **O mulato**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

CARVALHO, Maria Michol Pinho de. **Matracas que desafiam o tempo**: é o bumba-meu-boi do Maranhão-um estudo da tradição/modernidade na cultura popular. Dissertação de Mestrado em Comunicação, UFRJ/Escola de Comunicação, 1998.

FERRETTI, Sérgio Figueiredo. **Festas e religiosidade popular no tambor de mina do Maranhão**, in Ciências Humanas em revista. São Luís: UFMA, 2003.

FILHO, Domingos Vieira. **Breve história das ruas e praças de São Luís**. São Luís: Olímpica, 1971.

FONSECA, Cristina. **Juó Bananére**: o abuso em blague. São Paulo: Ed. 34, 2001.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FRIAS, José Maria Correia de. **Memória sobre a tipografia maranhense**. São Luís: Sioge/Func, 1978.

IGNOTUS, (SERRA, Joaquim). **Sessenta anos de jornalismo**: A imprensa no Maranhão: 1820-1880, 3ª ed. São Paulo: Siciliano, 2001.

JORGE, Sebastião Barros. **A linguagem dos Pasquins**. São Luís: Lithograf/SECMA, 1998.

\_\_\_\_\_. **Os primeiros passos da imprensa no Maranhão**. São Luís: MEC/UFMA.

\_\_\_\_\_. **Política movida a paixão**: o jornalismo polêmico de Odorico Mendes. São Luís: Departamento de Comunicação Social da UFMA, 2000.

MAIA, Doroty. **Bordalo**: um artista sem medo da verdade. Revista Abigraf, São Paulo: Abigraf, nov./dez./1996.

MARTINS, Ananias. **São Luís-Fundamentos do patrimônio cultural**: séculos XVII, XVIII e XIX, São Luís, Fort Gráfica, 1999.

\_\_\_\_\_. Ananias. **Carnaval de São Luís**: Diversidade e tradição. SãoLuís: FUNCMA, 2001.

MINOIS, Geoges. **História do riso e do escárnio**. São Paulo: Ed. Unesp, 2003.

SALIBA, Elias Thomé. **Raizes do riso** - A representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio. São Paulo: Companhia das letras, 2002.